

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
INTRODUÇÃO AO CONHECIMENTO CIENTÍFICO E A ÉTICA

Jaqueline Alves BATALHA

Raquel Braga ROSA

A Temática do Retirante em “A FESTA”, de Ivan Ângelo

São Paulo

2014

Sumário

| | |
|---|-----------|
| 1. Introdução..... | 2 |
| 2. O TEMA | 3 |
| 2.1 MIGRAÇÃO: CONCEITOS E DEFINIÇÕES | 3 |
| 2.2 A MIGRAÇÃO NO BRASIL | 4 |
| 3. O FENÔMENO MIGRATÓRIO NO BRASIL..... | 5 |
| 3.1 A MIGRAÇÃO NORDESTINA | 5 |
| 4. O RETIRANTE EM A FESTA | 6 |
| 5. Considerações Finais | 12 |
| 6. Referência Bibliográfica | 13 |
| 7. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA | 13 |
| Araújo, Alceu Maynard. Pentateuco Nordestino: Um estudo das migrações internas. 3. Ed. São Paulo: Brasbíblios, 1972..... | 13 |
| Martins, Dora; Vanalli Sônia. Migrantes. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001. | 13 |

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho abordaremos a temática do migrante nordestino retratada no romance *A FESTA*, de Ivan Ângelo, escritor e jornalista nascido em 1936, em Barbacena, Minas Gerais. Ao longo de sua carreira como escritor, Ivan Ângelo ganhou vários prêmios literários e, entre suas obras premiadas está o romance “A Festa”, que lhe rendeu o prêmio *Jabuti*. A partir deste romance, estudaremos o nosso tema e objeto: a migração do retirante nordestino.

A obra foi publicada em 1976, em pleno período da Ditadura Militar no Brasil, época em que a censura vigorava, reprimindo todas as formas de expressão que os militares julgassem contrárias às suas convicções ideológicas e que representassem uma ameaça ao regime de caráter repressor. No livro, que é subtítulo pelo autor como Romance, são apresentados Contos com formato em cortes, Ivan Ângelo utiliza-se de metáforas para retratar e criticar os fatos vividos naquele momento, tentando com isso, chamar a atenção do leitor e exigindo sua participação ativa na interpretação da realidade social brasileira naquele contexto.

Pretendemos atentar para as características de um personagem que movimentam a trama descrita pelo autor nesse primeiro parágrafo: o líder do grupo de retirantes Marcionílio de Mattos, que tem por referencial heróico Lampião, uma figura de grande relevância no sertão Nordestino e Francisco Julião que, como Lampião, é importante cangaceiro. Estudaremos e pesquisaremos sobre as características apresentadas pelo autor para caracterizar a figura do retirante (aspectos como coragem/apatia); referenciais de liderança, traços e características como violência.

A partir dos dados acima, questionamos: Qual era o contexto que levava o retirante à migração; como esse retirante era visto pela sociedade e; como foi retratado na obra de Ivan Ângelo?

2. O TEMA

O tema que pretendemos abordar diz respeito ao processo de migração, tendo como principal objeto a obra *A FESTA* e um grupo de personagens (um grupo de retirantes nordestinos e seu líder Marcionílio de Mattos), que estão em confronto com a polícia em uma cena apresentadas pelo autor, logo no início do romance.

Pretendemos, a partir desse conflito, pesquisar sobre a Migração Nordestina no contexto apresentado pelo autor, que logo no primeiro capítulo intitulado “Documentário” faz referência “a um grupo de sertanejos retirantes esfomeados à praça central de Belo Horizonte”. Essa temática desperta nosso interesse, pois de alguma forma, estamos familiarizadas com ele: nossas experiências de vida, cotidiano e relações sociais têm se confrontado constantemente com grupos de migrantes, mesmo que em situações diferentes daquele grupo mencionado por Ivan Ângelo, mas percebemos que a manifestação de grupos de migrantes, principalmente na cidade de São Paulo, é cada vez mais forte.

2.1 MIGRAÇÃO: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

Migrar:

O *Novo Dicionário Aurélio* (2009) define migrar como mudar periodicamente, ou passar de uma região para outra, de um país para outro. Partindo desse significado, migrante é aquele que está se mudando de um lugar para outro, ou migrando. Uma vez que a palavra foi produzida usando o verbo no gerúndio, temos a ideia de movimento.

Migrar é mudar de região ou estado. Acontece há muito tempo, desde o começo da história da humanidade. Porém, migração gera muita controvérsia, principalmente em relação às condições em que ocorrem.

Temos ainda:

Migração: movimento de população para o território de um outro Estado ou dentro do mesmo que abrange todo movimento de pessoas, seja qual for o tamanho, sua composição ou suas causas; inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desarraigadas, migrantes econômicos (p. 38).
E migração forçada: termo genérico que se utiliza para descrever um movimento de pessoas em que se observa a coação, incluindo a ameaça de vida e de subsistência, bem como por causas naturais ou humanas (por exemplo: movimentos de refugiados e de deslocados internos, bem como pessoas deslocadas por desastres naturais ou ambientais, desastres

nucleares ou químicos, fome ou projetos de desenvolvimento) Centro Scalabrano de Estudos Migratórios, (2006, p. 39).

A migração pode ser definida como movimento da população pelo espaço. Esse movimento relaciona-se às transformações econômicas, sociais e políticas que ocorrem em diferentes lugares. Por isso, o seu significado e as suas motivações variam tanto no tempo como no espaço.

A migração não é um fenômeno atual. Ela é antiga: desde os tempos primitivos o homem se desloca pelo espaço. Mas esse fenômeno, tão antigo, é constantemente renovado. Em cada momento histórico, as condições que levam o indivíduo a deixar um lugar por outro são diferentes, relacionadas ao desenvolvimento de cada sociedade. Por isso dizemos que a migração é um fenômeno histórico e social. (SANTOS, 1994, p.6.).

O que leva uma pessoa a sair de sua terra natal para aventurar-se em um lugar desconhecido? A falta de perspectiva de vida e de condições de sobrevivência faz com que muitos partam, deixando família e amigos, em busca de melhores oportunidades.

2.2 A MIGRAÇÃO NO BRASIL

O Brasil reconhece nas migrações um papel importante para a diversidade de sua população. Os seus ciclos econômicos foram determinantes para esse movimento populacional.

No Brasil, o principal motivo da migração é de ordem econômica. Na década de 1970, época em que se passa o fato descrito pelo autor, a região Sudeste era o único pólo industrial do país, o que pode ter feito com que esses retirantes escolhessem Minas Gerais como destino de migração.

As trajetórias migratórias mais importantes no Brasil ocorreram na segunda metade do século XX, envolvendo mais especificamente duas regiões: a Região Nordeste (ponto de partida) e o estado de Minas Gerais na Região Sudeste (ponto de chegada).

3. O FENÔMENO MIGRATÓRIO NO BRASIL

Há dois principais processos migratórios. Um deles refere-se às migrações internas, que abordaremos em nosso trabalho, por considerarmos estar diretamente relacionado à temática com que escolhemos trabalhar a partir do Romance *A Festa*, de Ivan Ângelo. De acordo com Santos (1994), esse processo pode ser datado com característica e registros mais acentuados partir de 1930, período em que houve um aumento das migrações internas, e essa intensificação se deu, principalmente, das correntes vindas do Nordeste para o Sudeste. No início da década de 70, houve a intensificação desse processo, acarretando em grande fluxo de migrações nordestinas, devido ao período de estiagem agressiva, o que ocasionou danos à economia do Sertão Nordestino, forçando uma grande parte da população do Polígono a se deslocar para estados dos Sudeste.

A esse respeito, encontramos em Ivan Ângelo, já se referindo à década de 70, a seguinte referência:

(...) a ordem (parece) partiu da Secretaria de Segurança, entrosada com a do Interior e Palácio, porque, de uma semana para cá, trens e caminhões despejaram uns cinco mil retirantes em Minas, a maioria doente, todos sem emprego e com fome; a medida visa impedir que isso continue; (ÂNGELO, 1976, p. 142)

3.1 A MIGRAÇÃO NORDESTINA

O Nordeste brasileiro é uma área de intensos fluxos migratórios. No centro desses fluxos podem ser vistos alguns fatores historicamente conhecidos, como a estagnação econômica, desigualdades sociais e, sobretudo, a miséria resultante dos longos períodos de estiagem. A respeito disso temos, no romance de Ivan Ângelo, o relato do retirante Viriato:

(...) vieram de Currálinho, nas Alagoas, mas juntaram-se com gente da de Igatu, Crato, Barbalho, Nazarezinho, do Ceará; gente da Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Bahia; tudo seco; o que tinham, venderam; o dinheiro acabou no caminho (...) e a terra que havia que o Capeta queimou e tomou conta (...). (ÂNGELO, 1976, p.143.)

4. O RETIRANTE EM A FESTA

A migração no Brasil ocorre principalmente por motivos econômicos, desde o tempo da colonização pelos europeus e desastres ecológicos, como o início dos ciclos da borracha, ocorridos nos séc. XIX para o séc. XX, que trouxe milhares de nordestinos para a Amazônia, e a grande seca que, em 1877, fez os nordestinos irem para o Pará e o Acre, perdendo aos poucos suas ilusões e esperanças, muitas vezes até mesmo a própria vida.

Quem estivesse na praça da estação na madrugada de hoje veria um nordestino moreno, 53 anos, entrar com uns oitocentos flagelados no trem de madeira que os levaria de volta para o Nordeste. Veria os guardas, soldados e investigadores tangendo-os com energia, mas sem violência para dentro dos vagões. E veria que em pouco mais de quarenta minutos estavam todos guardados dentro do trem, esperando apenas a ordem de partida. (ÂNGELO, 1979, pág. 15).

O primeiro parágrafo de *A Festa* mostra como as famílias de retirantes, que migraram de Curralinho, interior de Alagoas para Belo Horizonte, seguindo Marcionílio, que tinha uma carta de emprego para lavradores em Minas Gerais, foram impedidas de ficar na cidade pelas autoridades locais.

A polícia tinha ordens de mandar todos os retirantes de volta ao sertão. Não importava sua luta para chegar até aquele lugar, toda a privação passada durante a viagem, os motivos que os tinha levado àquele local, tudo foi simplesmente ignorado. Formou-se um grande tumulto, muitos foram presos, inclusive Marcionílio. Seu crime? Não servir mais aos interesses dos poderosos. Muitos perderam sua vida em uma debandada sem sentido.

A cena descrita no romance mostra o retirante nordestino considerado por seus opositores como uma coisa indesejada, como algo que não tem mais serventia, como um incômodo que precisa ser devolvido ao lugar de onde veio. Entre aqueles que esperavam encontrar um emprego, uma tábua de salvação que lhes proporcionasse melhores condições para uma vida digna, só restou à revolta.

Ivan Ângelo, em alguns capítulos de *A FESTA*, discorre sobre aquele que elegemos como nosso objeto de estudo, o migrante nordestino. No texto, o autor descreve o sentimento de revolta desses retirantes, ao perceberem que foram iludidos por seus “inimigos”, além do fato de estarem numa situação de completa vulnerabilidade, à mercê da humilhação e repressão agressiva dos policiais.

O grande tumulto estourou à 1h45m, com o grito de “fogo!” Os retirantes saíram do trem correndo e gritando, carregando seus filhos, arrastando os velhos. Os policiais, atônitos, não sabiam se agarravam os nordestinos que fugiam ou se tomavam providências contra o incêndio. Dividiram-se nessas tarefas, gritando, esbarrando-se, empurrando, batendo. Um carro brucutu, que ali estava para conter a multidão se necessário atacou o incêndio que comia rapidamente o trem de madeira. Policiais a cavalo corriam atrás dos retirantes que debandavam. (ÂNGELO, 1976, pág. 15)

Ainda, no capítulo acima citado, Ivan Ângelo conota a vida sofrida dos sertanejos nordestinos, que, com escassez de recursos financeiros, opções de desenvolvimento social, familiar ou educacional são levados a procurar novos rumos, melhores condições de vida e trabalho, o que os fazem mudar para outras partes do país.

Um aspecto relevante que leva o sertanejo nordestino a migrar, a seca, é também levantado por outros autores nacionais que ainda fazem um paralelo com a questão política e conseqüente descaso e indiferença das autoridades que ocupavam o poder no período em que o romance de Ângelo foi escrito.

Vila (2001), em uma de suas obras, no capítulo intitulado *Essa Terra*, faz o seguinte relato: “[...] A ditadura militar, instaurada em 1º abril de 1964, destruiu o trabalho realizado por Celso Furtado”, então superintendente da Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), onde, alguns anos antes haviam elaborado uma política de desenvolvimento para o Nordeste.

Ângelo (1976) pontua a demagogia do general Emílio Garrastazu Médici, então presidente do Brasil, na seguinte passagem: “Aqui vim para ver, com os olhos da minha sensibilidade, a seca deste ano, e vi todo o drama do Nordeste. Vim ver a seca de 70 e vi o sofrimento e miséria de sempre”. Com essa observação, temos assim, provas do cinismo e falsidade de nossos representantes políticos que já se mostravam a mesma figura repugnante desde há tempos.

Villa (2001) continua:

“[...] Os acontecimentos de 1964 jogaram por terra tudo o que havia sido criado nos 15 anos anteriores. As agências federais, criadas para fiscalizar os projetos e questões referentes à seca, perderam a autonomia e ficaram submetidas à lógica militar. Assim, não foi surpresa que a seca de 1970 chegasse sem que o governo tivesse realizado um planejamento nos anos anteriores para enfrentá-la.” Em janeiro daquele ano, segundo o autor, os meteorologistas já anunciavam que o Nordeste passaria por uma grande seca.

Ainda segundo Villa (2001), em fevereiro daquele ano, devido à escassez de chuvas por um longo período, já ocorriam vários saques em cidades do sertão de diversos estados nordestinos. A população, desesperada, já havia perdido a paciência e desistido de aguardar a ação das autoridades e estas, por sua vez, não demonstravam o mínimo de preocupação com a situação de calamidade em que se encontrava a terra e o povo.

Podemos relacionar o reflexo dessa situação, que pode ser vista no Romance *A Festa*, de Ivan Ângelo, em que, logo nos primeiros capítulos, o autor descreve o tumulto causado por um grupo de retirantes nordestinos, justamente em 31 de março de 1970, pois certamente um grupo que tentou fugir da situação de desgraça de sua terra sedenta.

A esse respeito, podemos verificar que em *A Festa*, Ivan Ângelo, faz referência a fatos “noticiosos” que foram mascarados e veiculados naquele ano.

Segundo Villa, [...] A SUDENE, após a militarização, passara a agir mais como uma repartição pública tradicional, e não um órgão atuante e atento aos objetivos iniciais de sua criação. Para a região do semiárido, a ação da Superintendência foi mais omissa do que em relação aos empreendimentos realizados no litoral nordestino. Os planos de emergência anuais não passaram de relatórios vazios, sem nenhum fim prático. Em vez de serem aperfeiçoados, eram somente atualizados os valores monetários das possíveis ações da SUDENE. Desta, a seca acabou atingindo todos os estados do Polígono.

Apesar da grave crise daquele ano, as autoridades governamentais responsáveis não davam nenhuma importância ao fato e, ainda por cima,

anunciavam aos quatro ventos que estavam dando prioridade à irrigação das regiões afetadas.

Sobre a situação do povo Villa afirma:

[...] enquanto a situação e condições climáticas se agravavam, pragas de ratos também e alastravam – relacionadas às alterações no meio ambiente produzidas pelas secas – essas pragas atacavam o sertão nordestino no Rio Grande do Norte, onde a fome se alastrava pelo sertão, a proliferação de ratos era bem-vinda entre as famílias mais pobres. Lá eram caçados, mortos a pedradas, esfolados, limpos e postos ao sol para secar. Um sertanejo, quando entrevistado sobre o fato, revelou a satisfação pela existência de tantos ratos e preocupação com uma praga de formigas que estava começando a atacar os camundongos e poderia diminuir-lhe o número.

Deste fragmento, inferimos a situação calamitosa desse povo, seus “esforços” para sobreviver e tentativa de amenizar sua fome e sofrimento.

Segundo Villa, o panorama do sertão era trágico, não chovia intensamente desde meados de 1969, rios estavam secos, os açudes com águas cada vez mais baixas e milhões de pessoas passando fome. Ainda assim:

[...] segundo declarações do superintendente da Sudene, o então general Tácito de Oliveira, não havia seca, somente uma “situação anormal no sudoeste do Piauí”, onde a situação era gravíssima, e onde a seca já tinha atingido mais de duas dezenas de municípios, e onde já havia sido declarado estado de calamidade pública. ” Isso mencionado somente em dos estados, dentre os muitos afetados.

Sobre os nordestinos Villa (2001) acrescenta:

[...] No sertão cearense, os agricultores já nem tinham mais sementes para a eventualidade da chegada de chuvas, pois, em virtude da fome imperante na região, tinham comido as que restavam. As safras de arroz, milho, feijão e algodão foram consideradas perdidas. Em Acopiara, no Ceará, só não ocorreu saque do comércio local por centenas de retirantes devido à ação do padre de localidade, que conclamou os famintos a terem “calma e aguardar os destinos de Deus”. Quixeramobim e Sobral, importantes cidades do interior cearense, foram invadidas por centenas de flagelados, bem como a cidade de Limoeiro. Paradoxalmente, enquanto a carência de chuvas gerava essas explosões sociais, os açudes públicos do estado tinham 6,8 bilhões de metros cúbicos de água acumulada, sem nenhum uso econômico.

Esse relato de Villa remete-nos a um trecho do romance de Ivan Ângelo, no qual o autor discorre sobre o retirante alagoano Viriato, descrito como figura resultante da seca, representando retirantes provenientes de outros estados do

Nordeste, terras em que, segundo ele mesmo descrevia, “o capeta queimou e tomou conta”.

Representante daquela massa em que o jornalista Samuel, em um dos trechos de *A Festa*, denomina de “um grupo de sertanejos esfomeados”; ainda, na narrativa de Ivan Ângelo, o ano de 1970, para os sertanejos nordestinos, ficou conhecido como o ano da desgraça. No romance, o retirante Viriato denunciava que “Deus tinha desistido de ajudar o sertanejo e o Capeta aproveitava para secar com seu calor os lugares de que se apossava” (Ângelo, 1976). Nesse trecho do livro, encontramos relatos sobre várias famílias de retirantes de diversos estados do Nordeste.

Sem alternativas, só restava ao sertanejo invadir as cidades em busca de alimentos. Segundo Villa, muitos flagelados, com grandes dificuldades, conseguiram migrar para o Sudeste.

Dentre os destinos dessa migração, temos São Paulo e Minas Gerais e, nesta última, ocorre o episódio narrado por Ivan Ângelo, em seu romance *A Festa*. Ainda, segundo Villa, o grande fluxo de migração de retirantes nordestinos para a região Sudeste, gerou várias manifestações de discriminação.

Villa, com base no relatório do Ministério do Interior, de avaliação do trabalho nos anos de 1970-1971, diz:

“Os efeitos da seca incidiram sobretudo nas camadas populacionais dependentes das terras alheias e sobre pequenos proprietários de baixa produtividade. Os grandes proprietários, na sua maior parte ausentes, com economia familiar definida e estável, são menos atingidos pelos efeitos diretos da estiagem [...]”.

Segundo esse relatório, houve a recomendação para que o governo ficasse atento à prevenção e alerta para as próximas estiagens. Segundo Villa, dentro da lógica da ditadura militar, o documento concluiu nada mais além daquilo que já era mais do que lógico. Além disso, nas entrelinhas, o documento atribuía ao sertanejo a responsabilidade pelos problemas da miséria e do atraso da região, e não do descaso oficial e de privilégios dos poderosos, por décadas. A seca acabou por aprofundar o abismo que separa o Nordeste das regiões mais avançadas. Do total de migrantes no Brasil, cerca de 70% são provenientes dos estados Nordestinos.

Em 1970, a maioria tinha entre 14 e 30 anos de idade. Villa ainda afirma que até 2001, a migração nordestina, principalmente para a região Sudeste, não parava de crescer.

Em 1970, segundo Villa, uma das maiores preocupações do governo federal era a de manter os flagelados em seus locais de origem e em decorrência desse fato explodiam revides de governos estaduais. No romance *A Festa*, podemos observar várias situações em que isso é retratado.

(...) era melhor que voltassem para o campo; voltando, aqueles diriam aos outros que não descessem para o Sul e em breve o êxodo terminaria; certos setores do governo acreditam que é o único meio de impedir essa invasão da miséria num Estado que, afinal de contas, não tem nada com isso; a Secretaria daria quantos passes fossem necessários para a volta. (ÂNGELO, 1976, p.142)

Villa aponta em seu livro que “mesmo nos anos em que houver um melhor inverno, sempre haverá seca”. E pontua que, em 1980 o então presidente Figueiredo, ao ser questionado sobre a tímida ação do governo no sertão seco, respondera bem ao seu estilo: “Vá a uma igreja e pergunte a Jesus Cristo, talvez ele possa responder quando vamos melhorar a vida do nordestino.”

Ivan Ângelo, em *A Festa*, nos dá exemplo do caráter *anticristo*, de nossos *respeitosos* políticos que tentam, em suas declarações vazias, atribuir os resultados de sua inércia à sorte de ordens climáticas e fatídicas, ao mesmo tempo em que tentam, por meio de seus discursos, mostrarem-se solidários e compreensivos inerentes à situação.

“O quadro que nós vimos não é o quadro que devemos ver, quaisquer que sejam as desventuras, as calamidades e inclemências da natureza. Forçoso é que nenhum de nós se conforme com essa triste realidade. ” (Emílio Garrastazu Médici, presidente da República, em 06 de junho de 1970.) (ÂNGELO, 1976, p. 28).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de um olhar cuidadoso às condições de vida no sertão que no livro de Villa é tratado com riqueza de detalhes e com recorte explorado, de maneira menos recorrentes, mas igualmente crítico por Ivan Ângelo em sua obra, pode-se fazer algumas considerações a respeito dos retirantes retratados pelo autor em alguns trechos de *A Festa*. Além disso, pode-se refletir sobre os pontos de vista explicitados por parte de autoridades governamentais, por vezes irônicos e cínicos.

Ivan Ângelo retrata o retirante em “A Festa” como um ser apático, sem rumo, sem direito. Apesar do tumulto que se seguiu na Praça da Estação, os demais personagens pouco percebem e não demonstram interesse no caso.

No capítulo intitulado “depois da Festa”, o retirante sobrevivente do trágico incidente na Praça da Estação relata o ocorrido como se fosse algo ao acaso, sem planejamento. Segundo seu relato, algumas famílias resolveram sair de Curralinho à procura de uma vida melhor e foram se juntando a outras no caminho. Encontraram Marcionílio, que trazia consigo a carta de emprego para lavradores em Minas Gerais e a ele se juntaram, sem uma direção e apenas resolveram segui-lo, acreditando que com ele teriam uma ótima oportunidade de mudança de realidade.

O que se seguiu foi a demonstração da falta de compromisso das autoridades da época que os tinham contratado através da carta, e a luta pela sobrevivência dos que lá chegaram. É interessante constatar que tanto Ivan Ângelo quanto o autor utilizado como bibliografia de apoio apontam as questões de ordem política, sendo esse, senão o fator mais agravante, um dos que estão diretamente relacionados aos problemas econômicos e sociais. Tais problemas levam os retirantes a deixar sua terra de origem e partir rumo às oportunidades oferecidas, ainda que ilusórias, e nem desconfiam que serão ali recepcionados, no lugar por eles julgado ser seu paraíso na terra, pelos mesmos mentores inescrupulosos de sua miséria que de um lado os afagam com promessas demagógicas e de outro os escorraçam de maneira humilhante.

6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Alfredo, José Gonçalves; Menezes, Marilda Aparecida. **Migrações do Brasil, o peregrinar de um povo sem terra**. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

Ângelo, Ivan. *A Festa*. São Paulo: Record / Altaya, 1976.

Santos, Regina Bega. **Migração no Brasil**. São Paulo: editora Scipione, 1994.

VILLA, Marco Antonio. **Vida e morte no sertão**: história das secas no nordeste nos séculos XIX e XX. São Paulo: Ática, 2001. 269 p.

7. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Araújo, Alceu Maynard. **Pentateuco Nordestino**: um estudo das migrações internas. 3. Ed. São Paulo: Brasbiblios, 1972.

CURRAN, Mark J. (Mark Joseph). **Retrato do Brasil em cordel**. Cotia : Ateliê, 2011. 365 p.

LÉTOURNEAU, Jocelyn. **Ferramentas para o pesquisador iniciante**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. 345 p. ISBN 978-85-7827-341-5 (broch.)

Martins, Dora; Vanalli Sônia. **Migrantes**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

Oliveira, Kleber Fernandes de; Jannuzzi, Paulo de Martino. **Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino**. São Paulo: São Paulo em Perspectiva, vol.19, nº. 4, 2005.

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392005000400009&script=sci_arttext>
Acesso em: 25 de Abril, de 2014.

Valim, Ana. **Migrações**: da perda da terra à exclusão social. 8. ed. São Paulo: Atual, 1996.